

reflexões sobre

**ARTE**visual

v.3 n.4 fevereiro 2022

**SEMANA  
DE ARTE  
MODERNA - 2022: O Centenário.**



S. PAVLO  
1972

*Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO*



***Expediente:***

**Revista: Reflexões sobre Arte Visual**

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

***Edição:***

Reflexões Vol. 3, No. 4, fevereiro 2022 – Semana de Arte Moderna - 2022: o Centenário.

*Periodicidade: quinzenal*

*Capa: Cartaz da Semana de Arte Moderna de 1922, Di Cavalcanti.*

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

*Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac\_camargo@hotmail.com*

**APRESENTAÇÃO**

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

*Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.*

# SEMANA DE ARTE MODERNA



S. PAVLO  
1922

O cartaz, realizado por Di Cavalcanti.



SEMANA DE ARTE  
MODERNA - CATÁLOGO  
DA EXPOSIÇÃO S. PAVLO  
1922

O Catálogo, também realizado por Di Cavalcanti.

Enfim, cem anos se passaram desde que um grupo de artistas se dispôs a debater questões da Modernidade no Teatro Municipal de São Paulo, assim o período de 11 a 18 de fevereiro de 1922 se tornou o marco do Modernismo no país. Mostras, debates e polêmicas ocorreram nestes dias e depois dele. Com isto foi possível ampliar o espectro de possibilidades estéticas rompendo com as matrizes da tradição acadêmica instauradas pela visão conservadora Neoclássica herdada da Missão Artística Francesa. Não se pode dizer que a questão Moderna foi resolvida, hoje em dia fantasmas conservadores ainda assombram a cultura.

Mesmo assim é salutar comemorar a Semana de 22 como uma tentativa de atualizar as concepções estéticas, principalmente por buscar parâmetros para o desenvolvimento do que se poderia chamar de Arte Nacional. De um lado havia o anseio de se afastar da tradição cultural eurocêntrica, por outro a necessidade de encontrar uma identidade própria. Mesmo que não se possa dizer que os grilhões culturais colonialistas foram quebrados, é possível perceber que as reflexões e proposições decorrentes dela frutificaram e expandiram o conceito de Arte no país.

A Arte Moderna no Brasil não começou com a Semana de 22, este é um aspecto que parece predominar quando se pensa no contexto nacional. A tendência Modernista já se manifestava, por exemplo, em 1902 na obra “*Os Sertões*”, de Euclides da Cunha, que descreveu a Guerra de Canudos, Monteiro Lobato, em 1910, com “Jeca Tatu” ou em “*O triste fim de Policarpo Quaresma*”, de Lima Barreto, de 1911, cujos interesses eram estéticos, sociais, econômicos e políticos representando um “Brasil de verdade” com suas favelas, seu povo sofrido e marginalizado sem os idealismos e arroubos românticos.

A literatura liderava as transformações estéticas. Em 1912, Oswald de Andrade viaja pela a Europa e toma conhecimento do Movimento Futurista de Marinetti, inspirado por ele, de volta ao país, escreve o poema: “*Último passeio de um tuberculoso, pela cidade, de bonde.*” renegado e destruído pelo autor sem ser publicado. A ele também se deve a confusão nas denominações, que vez por outra aparecem naquele período, entre Modernismo e Futurismo, como se fossem a mesma coisa. Oswald é um dos grandes mentores do movimento Modernista.

Na minha opinião, um dos livros mais importantes para a compreensão tanto da Semana de 1922 quanto de seus desdobramentos é: *Artes Plásticas na Semana de 22*, de autoria de Aracy Amaral, cuja pesquisa revela os antecedentes e a realização da Semana de 22. Apresenta as questões preliminares do Modernismo nacional, como a exposição de Anita Malfatti, em 1917, e os desdobramentos decorrentes que vão culminar com a Semana de Arte Moderna em fevereiro de 1922 que proporcionou o surgimento de outras ocorrências como as Sociedade e Clubes de Arte Moderna, Salões até a constituição dos Museus de Arte.

É a este livro que recorro para orientar esta publicação no intuito de rememorar esta efeméride como uma singela homenagem aos cem anos da Semana de Arte Moderna de 1922. Naquele ano a data tinha uma importância significativa pois se comemorava o Centenário da Independência do Brasil, ocorrida oficialmente em 1822. Neste sentido, a ideia dos artistas era a de comemorar a “independência política”, com um evento que marcasse a “independência artística” do país. Naquele período o Presidente do Brasil era Epitácio Pessoa, num período politicamente tenso.

Obviamente que a Semana de 22 não “surgiu do nada”, há antecedentes. Havia uma espécie de “mal estar” na cultura que incomodava os intelectuais e artistas no início do século XX, aqui não era diferente. As transformações políticas, econômicas e sociais demandavam por novas proposições estéticas. Em outras partes do mundo estas transformações já estavam em curso, mas não se pode dizer que aqui nada acontecia. Algumas ocorrências indicaram tais transformações: as exposições realizadas por Lasar Segall em 1913 e Anita Malfatti, em 1914 e 1917.

Lasar Segall, artista lituano, vem ao Brasil e realiza exposições em São Paulo e em Campinas em 1913. Anita Malfatti, artista brasileira, estudando Arte na Alemanha, vem ao Brasil em 1914 e realiza aqui sua primeira exposição. É curioso notar que tanto a exposição de Segall quanto a de Anita, passaram despercebidas, embora as duas tivessem forte influência do Expressionismo, estética em curso na Europa e incompatível com o gosto local, mesmo assim, não houve qualquer crítica negativa ou polêmica em torno destas exposições. O mesmo não acontece com a exposição de Anita em 1917.



Obras e Lasar Segall. “Menino na floresta” e “Retrato de Margaret”, ambas de 1913. É possível, por meio delas, perceber a tendência Expressionista que revelava o seu trabalho por ocasião de sua primeira exposição no Brasil.



Fotos da primeira exposição de Anita Malfatti, de 23 de maio a 15 de junho de 1914, realizada no 1º. andar da loja Mappin, na cidade de São Paulo.

<http://ver-anitamalfatti.ieb.usp.br/1914-2/>

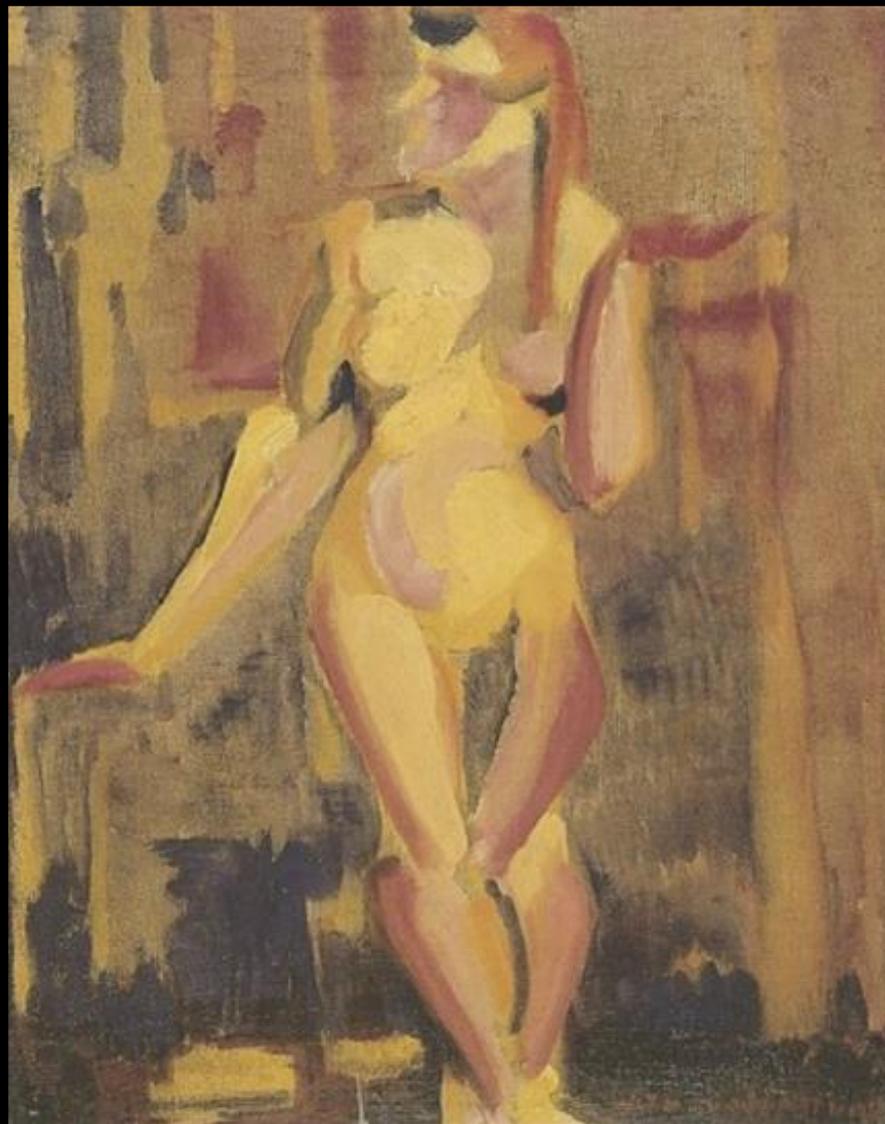
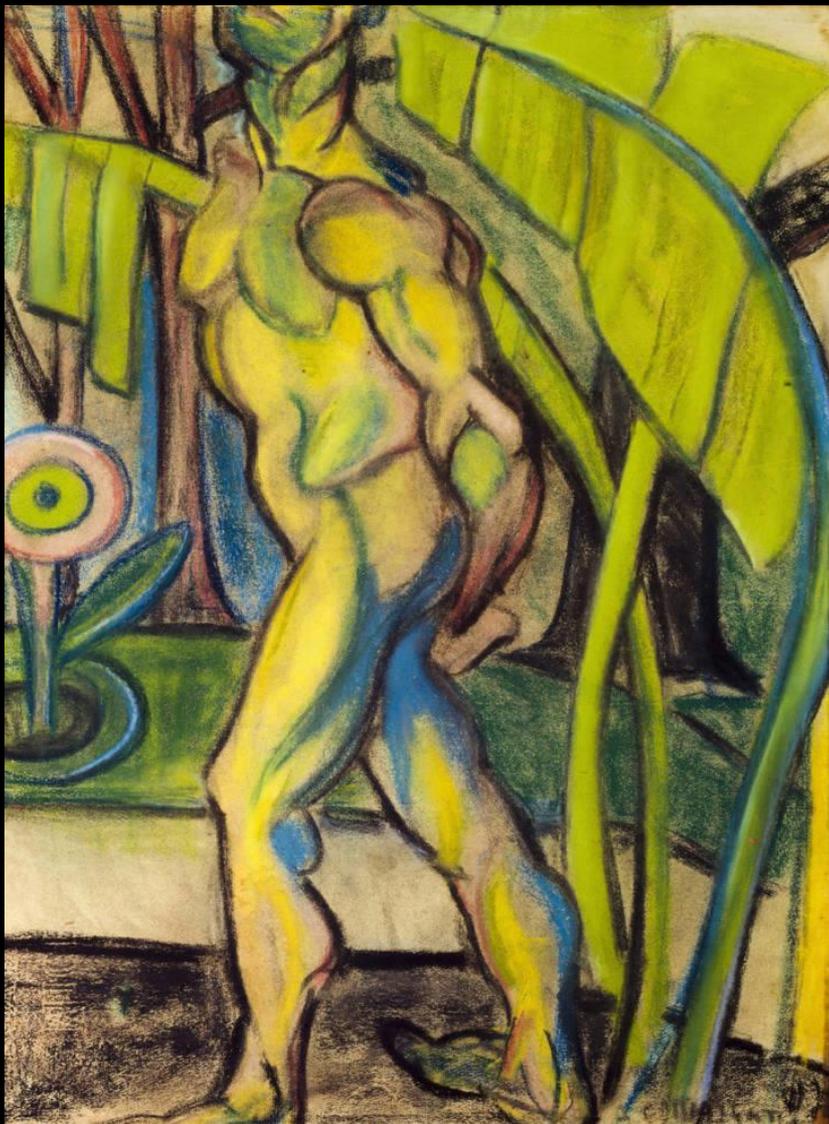


Anita Malfatti, “Cabeça de velho”,  
retrato de um professor, 1912/13.



Anita Malfatti, “Georgina”,  
1914.





Anita Malfatti, *“Homem de sete cores”*, 1915-16 e *“Nu cubista”*, 1916, ambas fizeram parte da exposição realizada em 1917.

Por mais traumática que tenha sido a crítica de Lobato ao trabalho de Anita Malfatti, também acabou sendo o amálgama que reuniu os defensores da tendência Modernista em torno dela, esta catalização passou a ser considerada uma das causas possibilitadoras do surgimento da Semana de Arte Moderna de 1922. Na linha de defesa de Anita se destacam, num primeiro momento, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida e Di Cavalcanti. Foram eles que, num segundo momento, também participaram da organização e realização da Semana de Arte Moderna de 1922.

Tanto Mário de Andrade quanto Oswald de Andrade concordavam em um ponto de vista: no confronto destruidor das mudanças Modernistas contra o “Passadismo” defendido pela tradição acadêmica que reinava na Arte naquele momento. O choque de ruptura e transformação que já estava em andamento na Europa, se deslocava para a urbe paulistana e fazia sua inserção no circuito artístico local. Tais confrontos eram percebidos nas Américas, especialmente do Sul. Nos Estados Unidos o Armory Show já havia criado polêmicas semelhantes em 1913.

Um aspecto importante que surge no Modernismo à brasileira é a tentativa de vincular as transformações Modernistas às raízes culturais como o indianismo ou nativismo locais. Esta posição genuína é um diferencial e ao mesmo tempo uma busca pela identidade perdida sob a tutela do colonialismo cultural. Obviamente não se pode dizer que o Modernismo aqui tenha rompido completamente com a influência eurocêntrica, mesmo porquê, boa parte os artistas que aqui vieram ou viveram e que se propunham a transformar as manifestações artísticas, tinham um pé ou o corpo todo na Europa.

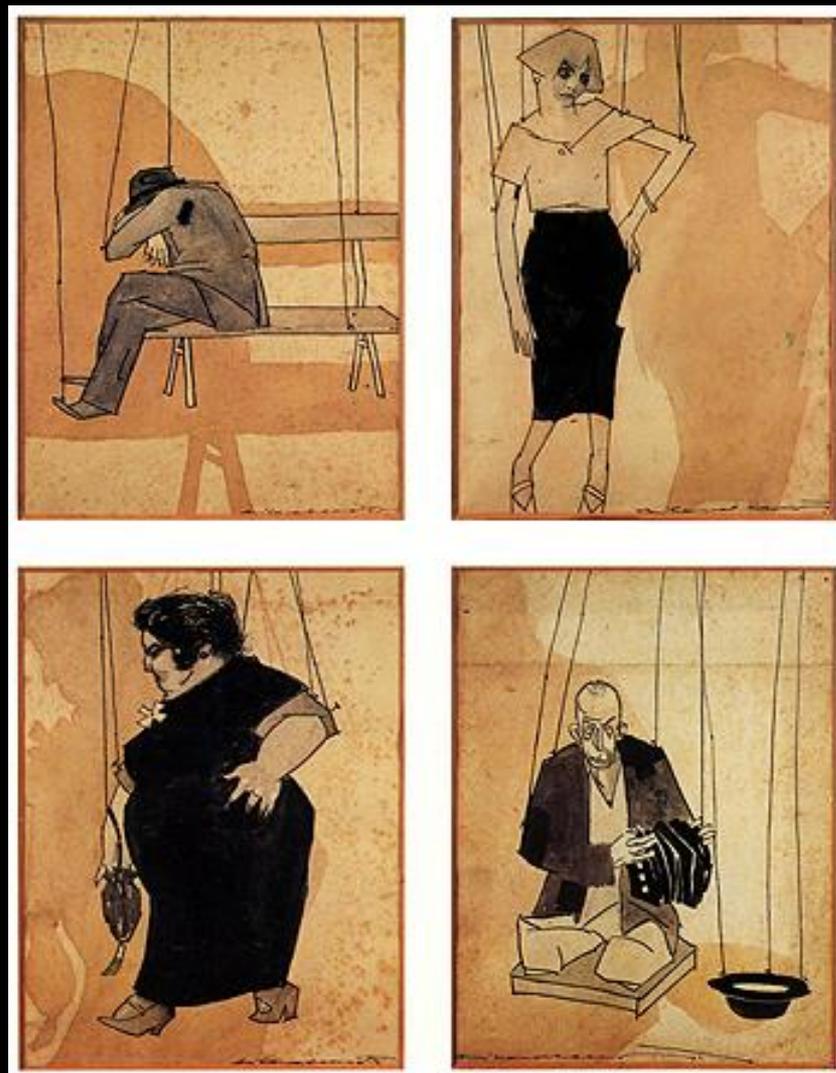
Embora já existisse, junto à intelectualidade nacional, tentativas de valorização dos aspectos nacionalistas, não se pode desconsiderar a influência das euro-tendências, que se chamariam mais tarde de Vanguardas Históricas, nas manifestações artísticas que surgiram antes, durante e depois da Semana de 22. As obras apresentadas tanto por Segall quanto por Malfatti em suas mostras entre 1913 e 1917, não negam nem disfarçam sua a pertinência ou influência do Expressionismo, ao contrário, explicitam esta tendência. Foi justamente esta atitude que estimulou o ataque de Lobato à Anita Malfatti.

Pode-se dizer também que a crítica *Lobatiana* à Anita Malfatti não se dirigia exclusivamente a ela, mas ela foi o “boi de piranha” utilizado por ele para declarar sua descrença e indignação contra o Modernismo e a alguns de seus desafetos locais.

Lamentavelmente, quem sofreu os achaques, foi Anita. Eventualmente o Modernismo foi chamado também de Futurismo, devido a Oswald de Andrade ao se referir a Mario de Andrade como “Poeta Futurista”, este termo passa a ser usado às vezes como sinônimo de Modernismo, confundindo ainda mais a cabeça dos intelectuais e críticos desavisados à época.

Por volta de 1920, vários jovens artistas retornavam da Europa para onde haviam ido estudar, com isto, nomes como John Graz, Regina Gomide Graz, Antonio Gomide já começam a aparecer com algumas incursões no cenário artístico. De um modo ou de outro, a tendência Modernista já vinha se manifestando aqui, principalmente na literatura. Contudo era necessário deixar a opção pelo Modernismo clara, assim surge a ideia da organização de um evento que fosse capaz de apresentar à sociedade e à cultura uma nova visão artística e aqui entra a figura do Modernista carioca Emiliano Di Cavalcanti.

Por ironia, é pela mão de Monteiro Lobato, neste caso como editor, que uma publicação com desenhos e ilustrações de Di Cavalcanti é lançada: “*Fantoches da Meia-Noite*”, estimulada por Jacinto Silva que promove, inclusive uma exposição das obras originais em sua Editora “O Livro”, em novembro de 1921. Na abertura da exposição encontram-se vários literatos e artistas, entre eles o escritor Graça Aranha que, em conversas com Mário e Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia e Guilherme de Almeida, se dispõe a colaborar com eles levando adiante o projeto Modernista.



Algumas ilustrações do livro “*Fantoches da Meia-Noite*”, de Di Cavalcanti.

Portanto parece ter sido a presença de Di Cavalcanti que proporcionou a reunião que iria gestar o que viria a ser a Semana de 22. Mas aí começa o maior problema: como financiar um evento que deveria contar com exposições, conferências, palestras, concertos musicais, declamação de poemas e apresentações teatrais? Parte do problema foi resolvido quando Graça Aranha apresenta Di Cavalcanti ao empresário paulista Paulo Prado, que passa a ser o mediador entre os artistas e a comunidade financeira paulistana em busca do financiamento do evento. Assim se viabilizou a ideia da Semana de Arte Moderna.

Embora fosse realizada em São Paulo, teve a participação carioca por conta de Di Cavalcanti com a organização de Ronald de Carvalho. Em São Paulo, a organização ficou a cargo de Rubens Borba de Moraes e do suporte obtido pelo financiamento paulistano. Embora as Artes Plásticas pareçam ser o “Carro chefe” da Semana, não foi bem assim. A literatura já havia se posicionado neste contexto, faltava ainda as demais modalidades expressivas fazerem sua opção. Neste sentido é que a Semana se torna um referencial inovador para a Arte e a cultura nacional.

Mas quais ideias, ideais e proposições que surgem ou são defendidas pelos teóricos da Semana?

Bem, até aqui, as principais ideias já apareceram: a ruptura com a tradição clássico-acadêmica, a liberdade de expressão e experimentação estética, a independência cultural e o ideal de buscar uma identidade nacional: a “brasilidade”. De certo modo, surge também uma dicotomia: por um lado a busca de tais origens na terra e no popular, de outro, nas transformações sociais promovidas pela industrialização e o cosmopolitismo emergente.

Esta dicotomia revela então duas faces: a que mostra a tendência nacionalista apoiada na tradição histórica e popular como identidade nacional multifacetada e outra, mais regionalista, que mostra aspectos de regiões mais desenvolvidas economicamente, como São Paulo, por exemplo, que requer uma constante transformação em busca do novo. Assim o contexto Modernista é também uma arena de confronto entre tendências contraditórias. Independente de uma ou outra ter vencido o confronto, cabe dizer que ambas contribuíram para a consolidação da cultura nacional.

As principais falas da Semana tinham o objetivo de apresentar e conceituar a Arte Moderna.

Graça Aranha, o intelectual que apoiou a realização da semana sem restrições, fez uma palestra que, ao ver dos demais modernistas, não empolgou. Menotti Del Picchia, fez uma conferência sobre Arte e Estética, cujo teor se aproxima do Futurismo de Marinetti; Ronald de Carvalho fala sobre a Pintura e Escultura Moderna no Brasil. A palestra mais esperada, a de Mário de Andrade, que ocorreria no 3º. dia, é abafada pelas vaias e tumulto de tal modo que Mario acaba lendo o texto na escadaria do saguão do Teatro Municipal.

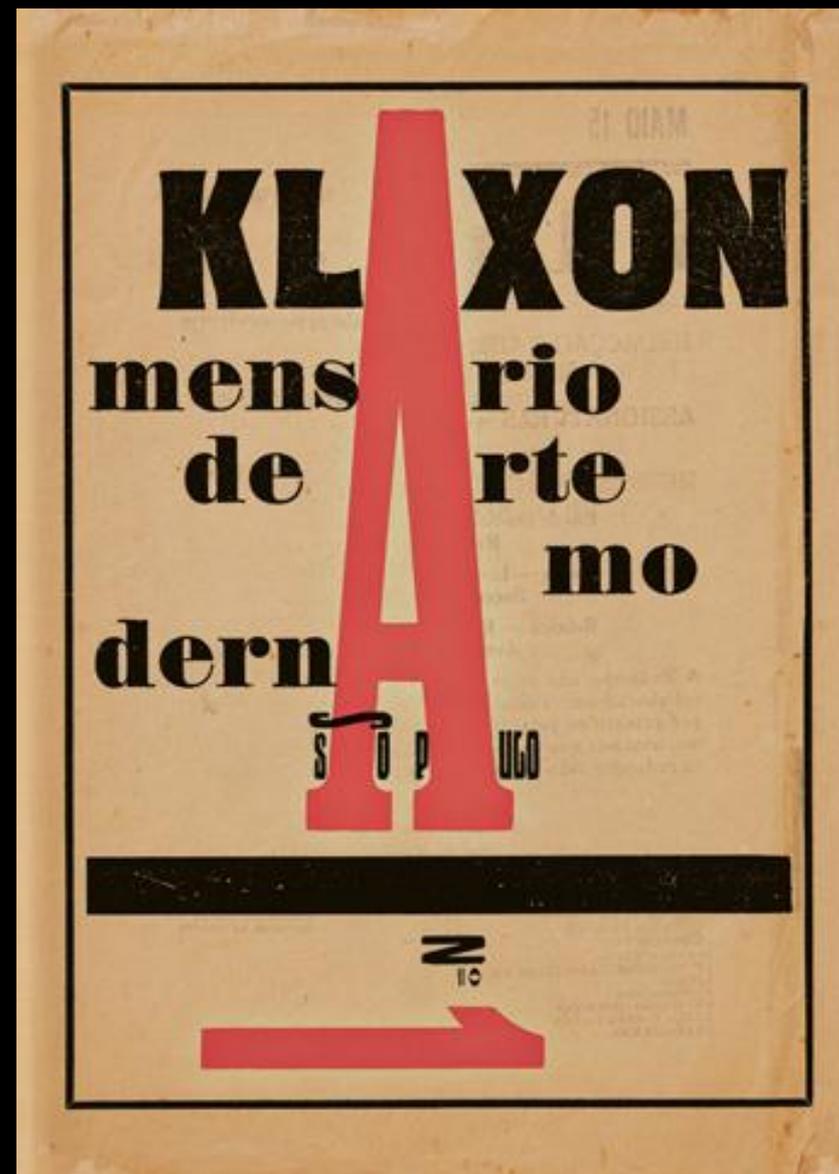
As polêmicas decorrentes na semana podem ter sido também estimuladas pela publicação “A semana futurista”, no jornal A Gazeta, de 04 de fevereiro de 1922, um apanhado de prós e contras. Mário de Andrade assinava os prós e Candido Motta Filho os contras. O que já antecipava um clima de controvérsias sobre o que viria a ser o evento. O jornalismo paulistano apoiou, de certo modo, o evento publicando alguns textos ou parte deles, bem como o calendário dos dias de realização e seus desdobramentos. Tanto é que boa parte das pesquisas sobre a semana é feita a partir dos arquivos jornalísticos.

Contudo, é necessário ressaltar que o Modernismo se torna uma tendência, antes de ser um Movimento, é um advento, um conjunto de circunstâncias e ocorrências de caráter estético, conceitual e cultural que surge a partir do século XIX e perdura até meados do século XX, subsidiando várias manifestações artísticas até hoje. Neste sentido, o Modernismo “brasileiro”, quer atualizar suas concepções estéticas e manter-se “em dia” em relação aos acontecimentos culturais em curso em outros países da Europa ou Américas. Há uma tendência visível entre todos os Modernistas que é a busca do novo em oposição ao velho.

Este é o sentido usual de Moderno e sua essência: a novidade em contraponto com o passado, o antiquado ou arcaico. Tanto é que tudo que parece novidade é chamado indistintamente de Moderno. É necessário destacar que o Modernismo, enquanto postura estética e conceitual, tem suas próprias características em cada um dos lugares e períodos em que surgiu. A Arte Moderna europeia é diferente nos Estados Unidos ou no Brasil. Cada momento em que os artistas se propõem a desenvolver algo em diálogo, confronto ou distinção com o *status quo*, o fazem a partir de suas crenças e valores.

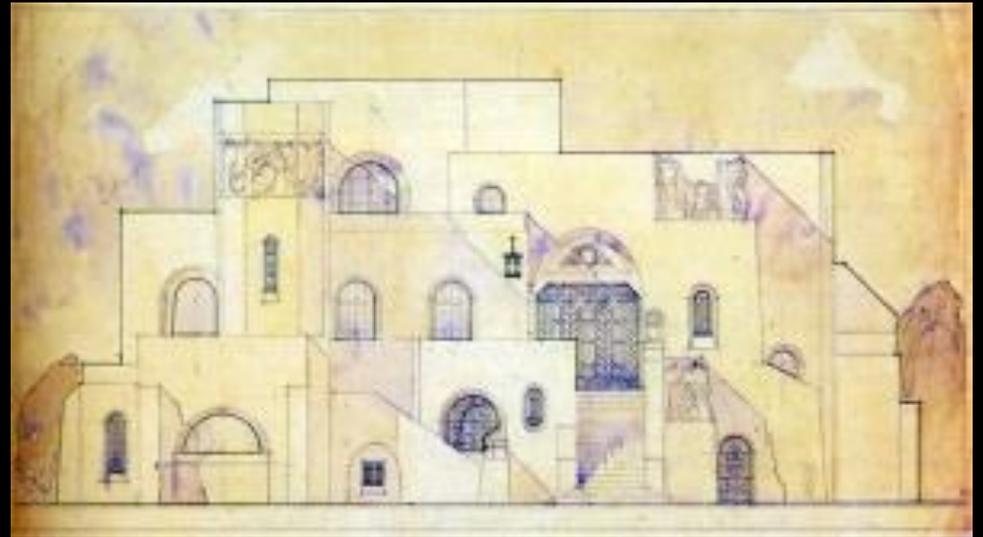
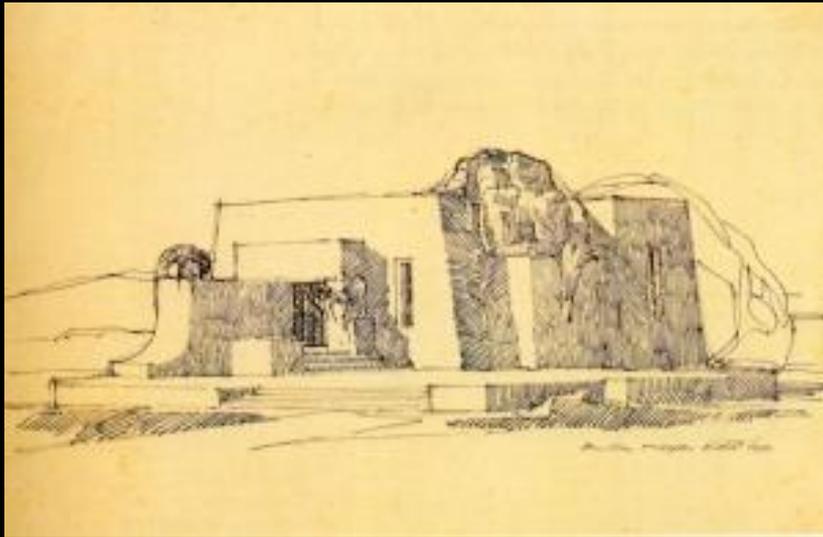
A porta-voz dos Modernistas foi a revista KLAXON, um Mensário de Arte Moderna que circulou de maio de 1922 a janeiro de 1923.

colaboraram com ela Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Di Cavalcanti, Guilherme de Almeida, Anita Malfatti, Sérgio Buarque de Holanda, Luis Aranha, Tarsila do Amaral, Graça Aranha e Rubens Borba de Moraes, entre outros. Conta com correspondentes internacionais: Albert Ciana na Suíça, L. Charles Baudouin na França e Roger Avermaete na Bélgica. Seu projeto gráfico, editorial e textos reforçam o conceito de Modernismo da Semana de Arte Moderna de 1922.

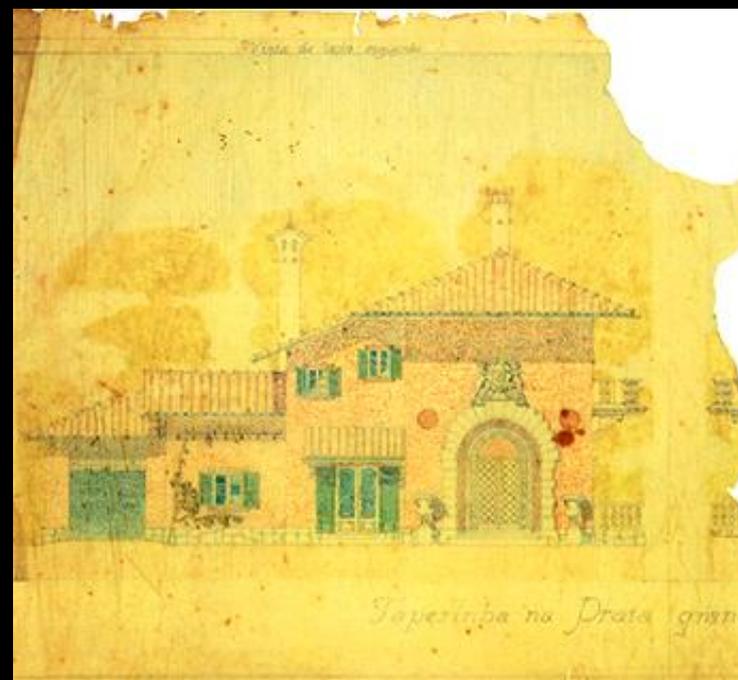
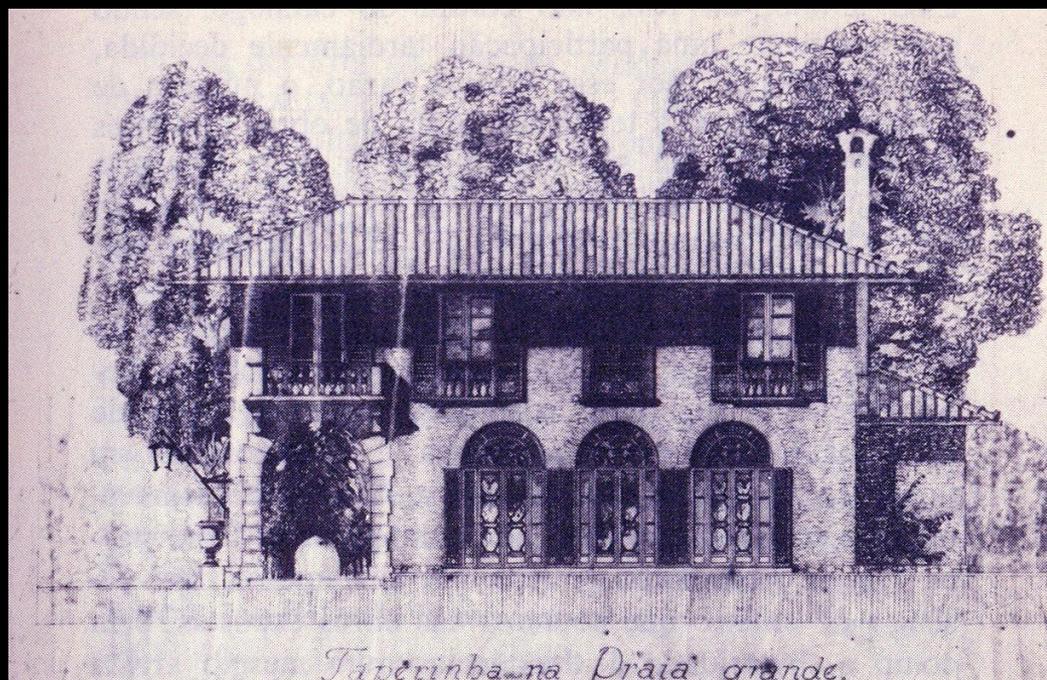


Até aqui tratei de uma visão geral da Semana: das pessoas que a conceberam, viabilizaram sua realização e manifestaram suas posições estéticas e conceituais agora, como minha abordagem é sobre Arte Visual, cabe nomear os artistas plásticos que participaram do evento. É necessário ressaltar que Tarsila do Amaral, uma das mais conhecidas artistas do Modernismo, não participou da Semana, estava fora do Brasil naquela ocasião. Abaixo o conteúdo interno do catálogo onde são nomeados os participantes por área e as obras expostas:

<p><b>ARCHITECTURA</b></p> <p>ANTÔNIO NOYA</p> <p>1 -- Escola de Templo. 2 -- Templo. 3 -- " 4 -- Monumento. 5 -- Pontoon. 6 -- Templo. 7 -- Casa de praia. 8 -- Residência (planta e fachada). 9 -- " 10 -- " 11 -- " 12 -- " 13 -- Volume arquitetônico. 14 -- Escola. 15 -- Casa-tipo. 16 -- Casa. 17 -- Templo. 18 -- Templo.</p> <p>GEORG PROUDHONNET</p> <p>19 -- Torreão na praia grande (Maquete e planta).</p> <p><b>ESCULPTURA</b></p> <p>VICTOR DO ERECHERET</p> <p>1 -- Gato. 2 -- Anjo. 3 -- Santa Bárbara.</p>	<p>4 -- Idéu. 5 -- O negro. 6 -- Flut. 7 -- Caixa de mulher. 8 -- Caixa de criança. 9 -- Seta. 10 -- Taro. 11 -- Caixa sobre. 12 -- Vênus.</p> <p>W. HILFHEIG</p> <p>13 -- Nova Sutilia (maquete). 14 -- Mãe e filho (maquete). 15 -- " 16 -- Grupo (maquete). 17 -- Pequenas esculturas decorativas.</p> <p><b>PINTURA</b></p> <p>ANNITA MALFATTI</p> <p>1 -- A Estudante rosa. 2 -- O Homem amarelo. 3 -- O Fausto. 4 -- O japonês. 5 -- A mulher de cabelos verdes. 6 -- A mãe. 7 -- A vestida. 8 -- Encolado. 9 -- Casa de chá. 10 -- Pedra preta. 11 -- Pontoon. 12 -- Dois anjos.</p>	<p>13 -- Império decorativo. 14 -- O Homem das sete cores. 15 -- Aquarela japonesa. 16 -- Pichadas. 17 -- Caixa de ferro. 18 -- Criança. 19 -- S. Sebastião. 20 -- Molino.</p> <p>DE CAVALCANTI</p> <p>21 -- Ao pé da cruz -- pintura para espelho. 22 -- O Homem do Mar -- 1920. 23 -- Cafézinho -- 1912. 24 -- " " " " -- 1921. 25 -- Pântano. 26 -- A Dorada. 27 -- Infância. 28 -- " 29 -- Ilustrações para um livro. 30 -- Capoteiro. 31 -- Bichinho. 32 -- A janela de noite.</p> <p>J. GUAZ</p> <p>33 -- Mãe no banho. 34 -- S. Francisco falando ao povo. 35 -- Escola de Maria G. 36 -- Natureza morta. 37 -- " 38 -- Pôr do Sol. 39 -- Pôr do Sol de Espinho. 40 -- " " "</p>	<p>MARTINS RIBEIRO</p> <p>41 -- Tenda. 42 -- " 43 -- Desejo. 44 -- "</p> <p>ZINA AITA</p> <p>45 -- A mulher. 46 -- Escola de colégio. 47 -- Pôr do Sol decorativo. 48 -- Montagem decorativa. 49 -- Anjo. 50 -- Fênix. 51 -- Pôr do Sol decorativo. 52 -- 25 imagens.</p> <p>J. F. DE ALMEIDA PRADO</p> <p>53 -- Dois anjos.</p> <p>FERRIGNAC</p> <p>54 -- Natureza morta.</p> <p>VINENTE REGO MONTEIRO</p> <p>55 -- Retrato de Rosalinda Cavalo. 56 -- Retrato. 57 -- Retrato. 58 -- Cabeça de Negro. 59 -- Cabeça Verde. 60 -- Bala no Aspero. 61 -- Escola Brasileira. 62 -- Escola Brasileira. 63 -- Cabeça. 64 -- Cabeça.</p>
--	---	---	--



À esquerda “Mausoléu” à direita “Residência”, dois dos 18 trabalhos apresentados na Semana de Arte Moderna de 1922 por Antonio Moya, desenhista e arquiteto. Nascido na cidade de Atarfe, Granada, Espanha. Sua família veio para o Brasil quando ele tinha 4 anos. Se formou no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. É um dos dois participantes que representam a Arquitetura.



Acima projeto arquitetônico “*Taperinha da Praia Grande*”, de Georg Przyrembel. Nascido em Alta Silésia, Polônia, 1885 - São Paulo, 1956. Estudou arquitetura na Alemanha. Chegou ao Brasil em 1912 ou 1913, estabelecendo-se em São Paulo. Também participou da Semana na área de Arquitetura.

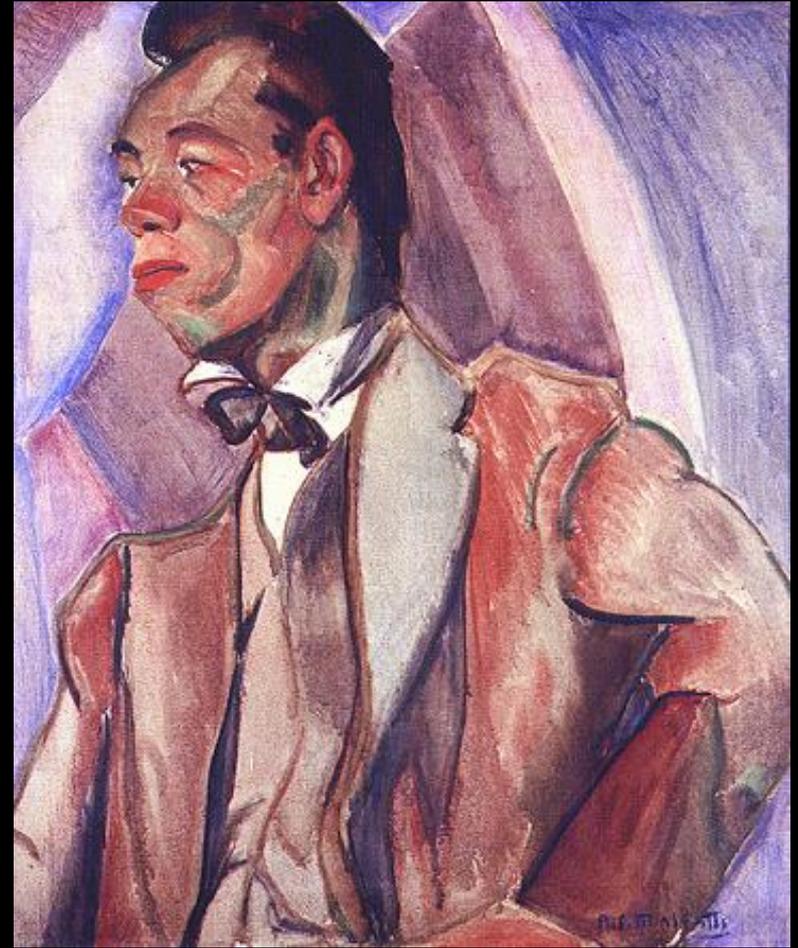


À esquerda “*Sóror Dolorosa*”, à direita “*Victória*” de Victor Brecheret, obras expostas na Semana de Arte Moderna de 1922. Nascido *Vittorio Brecheret*, Farnese, Itália, 1894 - 1955. É considerado um dos mais importantes escultores do Brasil à época.

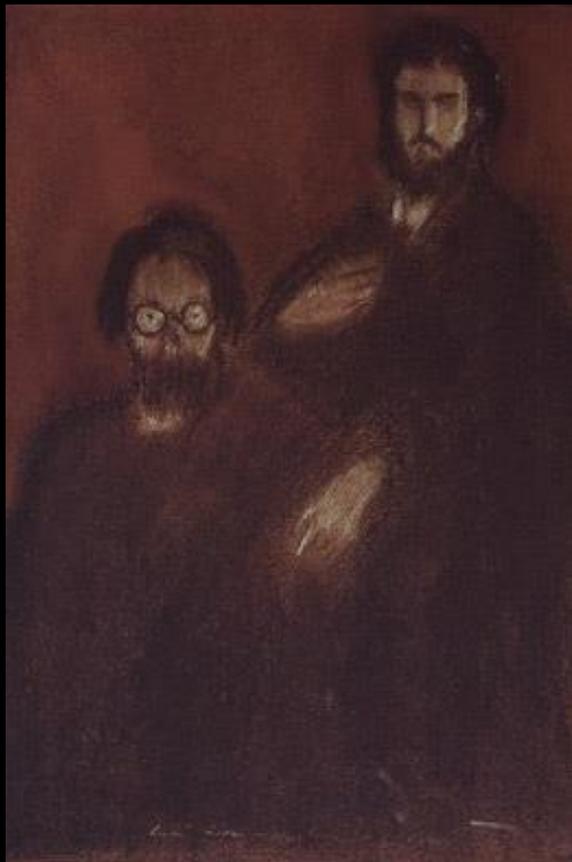


Escultura “Mãe e Filho” a única localizada de Haerberg ou Haarberg, exposta na Semana de Arte Moderna de 1922.

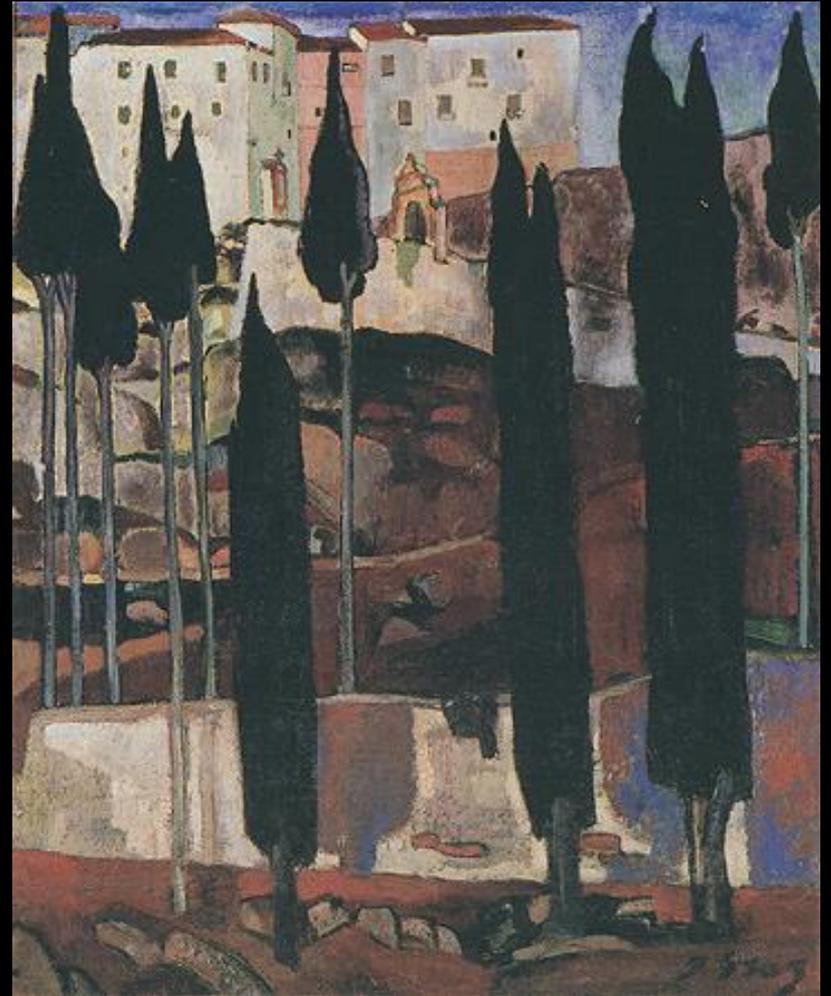
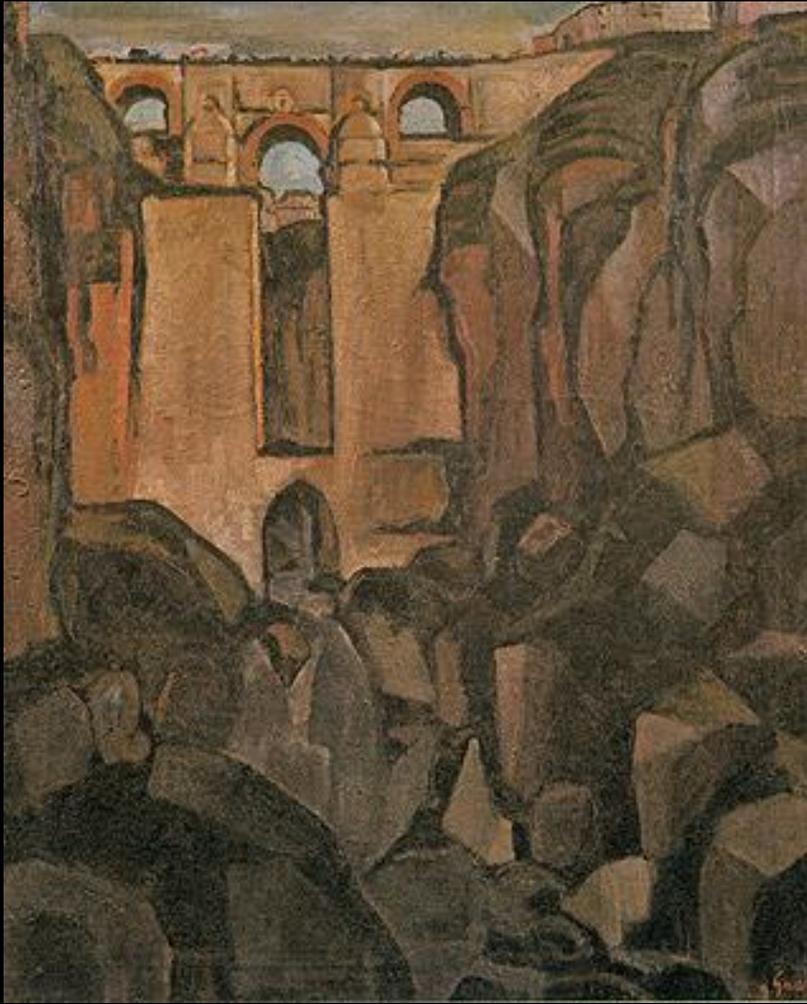
Wilhelm Haarberg, 1891: Kassel, Alemanha – 1986, Alemanha. Na sua estada no Brasil de 1920 a 1925, participou da Semana a convite de Mário de Andrade.



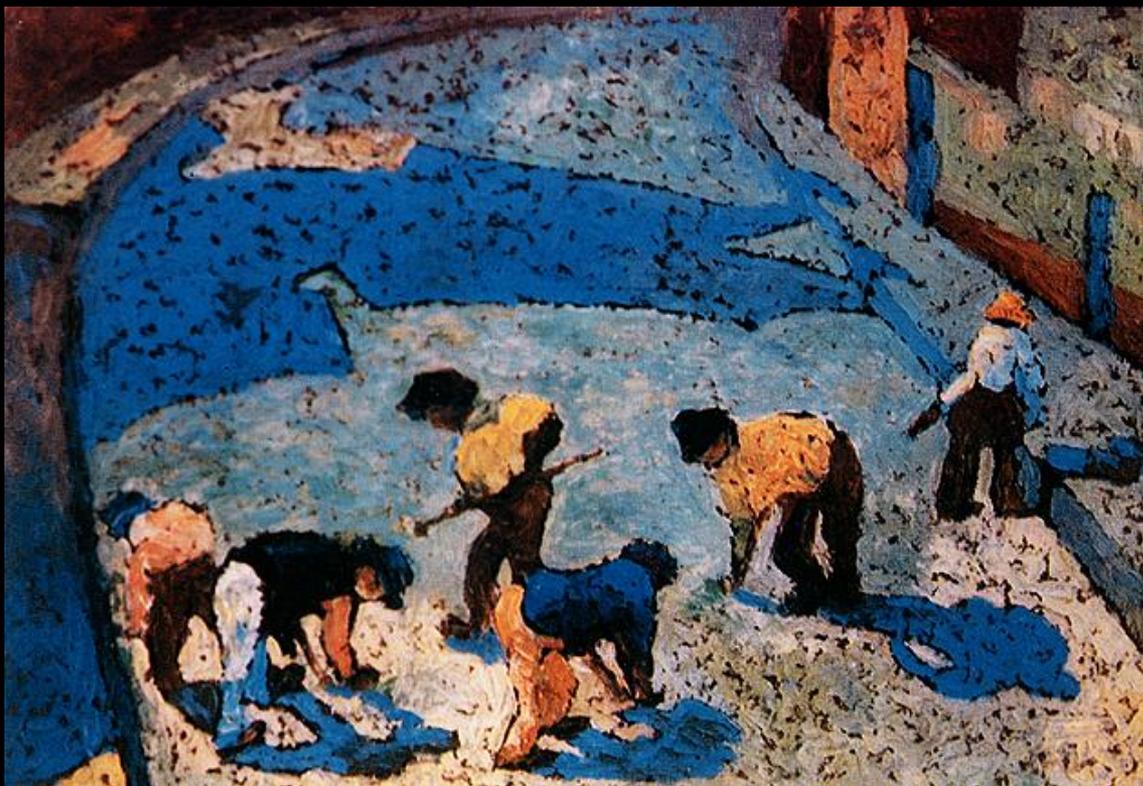
Anita Catarina Malfatti, São Paulo, 2 de dezembro de 1889 — São Paulo, 6 de novembro de 1964. Desenhista, pintora e gravadora. Participou da Semana de Arte Moderna com 20 trabalhos, acima e à esquerda “A estudante russa”, de 1915, à direita “O Japonês”, 1915, duas das obras expostas na Semana.



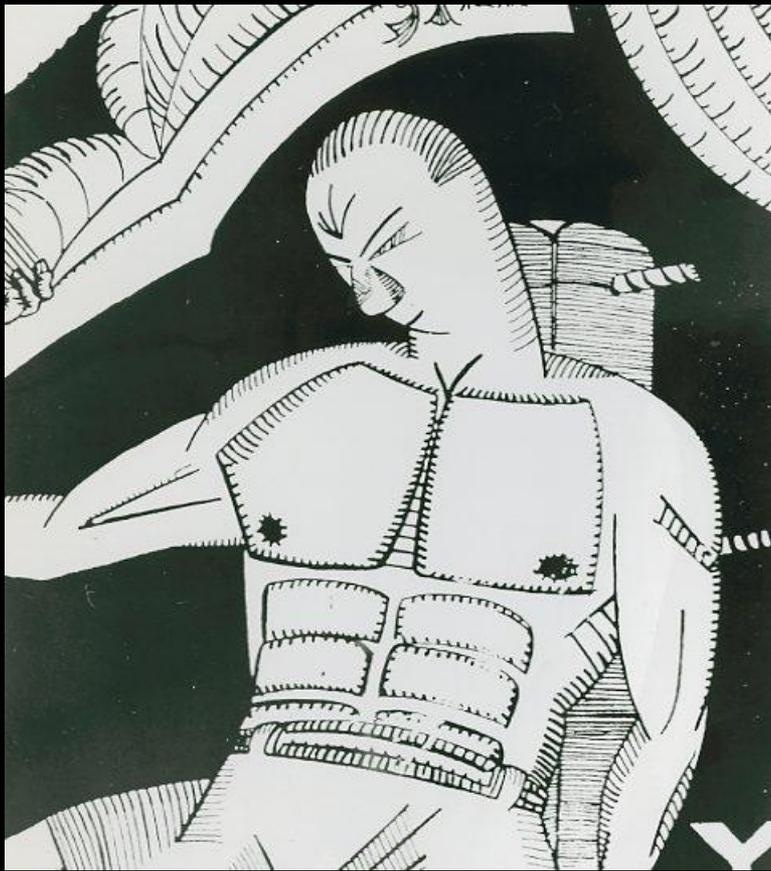
Emiliano Di Cavalcanti, *Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo*, Rio de Janeiro, 1897 - 1976. Participou da Semana com 12 obras. São dele o cartaz e a capa do catálogo da Semana de Arte Moderna de 1922. À esquerda “Boêmios”, 1921, à direita, sem título, 1922 esta obra não deve ter participado da mostra da Semana, mas é do mesmo período.



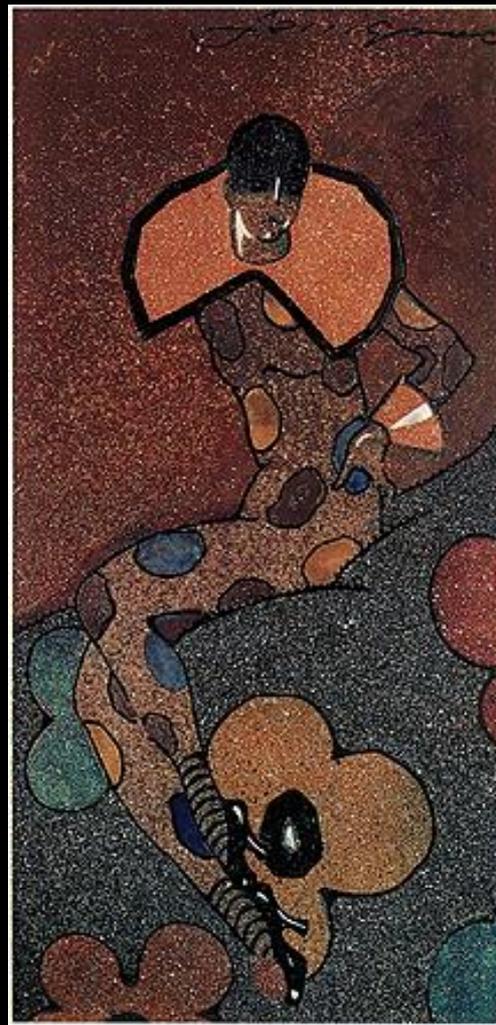
John Louis Graz, Genebra, 1891 - São Paulo, 1980. Foi um pintor, ilustrador, decorador, escultor e artista gráfico. À esquerda “Paisagem de Espanha”, 1920, à direita “Ciprestes em Toledo”, ambas de 1920, que participaram da mostra da Semana.



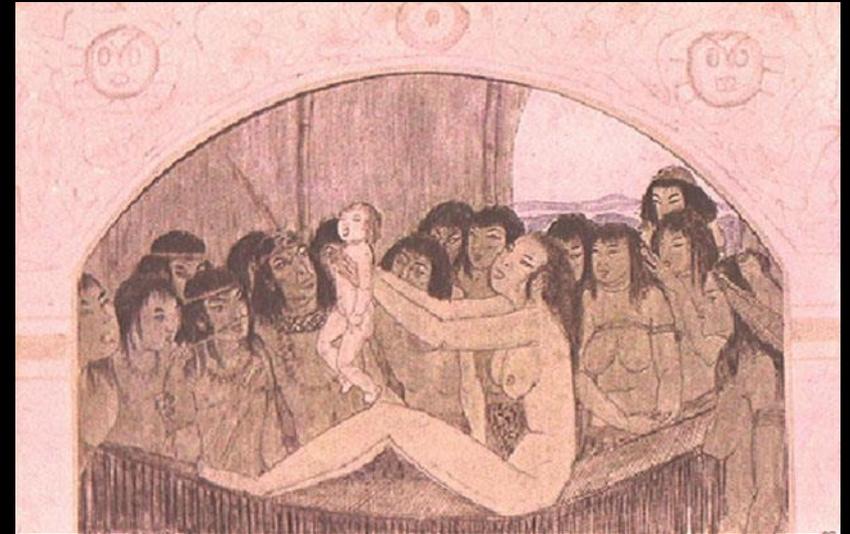
Zina Aita, apelido de Tereza Aita, 1900-1967, nascida em Belo Horizonte, mas residente por muitos anos em Nápoles, Itália. Sua formação foi realizada em Roma, Florença e Veneza. Uma exposição individual em 1920, no Rio de Janeiro e depois em Belo Horizonte a coloca no circuito modernista brasileiro. Participa da semana com 8 obras. À esquerda “Homens trabalhando” ou “Sombra”, de 1922, à direita, “Retrato” de 1920, que não consta do catálogo da exposição da Semana, mas é do período.



Yan de Almeida Prado ou João Fernando de Almeida Prado, Rio Claro, SP, 1898 – São Paulo, SP, 1987. Colecionador e escritor paulista, participa da Semana de Arte Moderna a título de brincadeira e mostra um trabalho realizado, segundo ele, à quatro mãos com a participação do ilustrador Paim Vieira, trabalhos que não localizei. À esquerda desenho realizado para ilustração da Klaxon, de 1922, à direita “Lendo jornal”, desenho de 1923.



Inácio da Costa Ferrignac, Rio Claro, SP, 1892 - São Paulo, SP, 1958. Desenhista e caricaturista. A obra "Natureza Dadaísta", com a qual participa da Semana, não foi localizada. À esquerda "Retrato", 1921, à direita Colombina.



Vicente do Rego Monteiro, Recife, 1899 - Recife, junho, 1970. Pintor, desenhista, escultor, professor e poeta. Além da participação na Semana de Arte Moderna de 1922, articulou a primeira exposição de arte moderna europeia da América do Sul, ocorrida no Recife em 1930. À esquerda, “Cabeças de Negras”, 1920, que fez parte da mostra da Semana e à direita “Mani Oca”, lenda brasileira, 1921.

Acredito que tenha dado uma visão geral dos participantes em Artes Plásticas da Semana de Arte Moderna de 1922. Não consegui nenhuma obra de Martins Ribeiro, que consta do catálogo com 4 obras. Além da Literatura e Arte Plástica, a música foi bastante importante para o evento. A participação de Heitor Villa-Lobos, Rio de Janeiro, 1887 - 1959. Compositor, arranjador, maestro, pianista, violoncelista e violonista. Um dos primeiros artistas a recorrer ao contexto folclórico nacional na sua produção musical, escreveu numerosas obras orquestrais, de câmara, instrumentais e vocais, totalizando mais de 2 mil obras em sua vida. Participou da Semana de Arte Moderna de 1922 apresentando-se em três dias: 13, 15 e 17, com três diferentes espetáculos:

dia 13	dia 15	dia 17
<i>Segunda Sonata</i>	<i>O Ginete do Pierrozinho</i>	<i>Terceiro Trio</i>
<i>Segundo Trio</i>	<i>Festim Pagão</i>	Historietas: <i>Lune de Octobre; Voilà la Vie; Je Vis Sans Retard, Car vite s'écoule la vie</i>
<i>Valsa mística (simples coletânea)</i>	<i>Solidão</i>	<i>Segunda Sonata</i>
<i>Rondante (simples coletânea)</i>	<i>Cascavel</i>	<i>Camponesa cantadeira (suíte floral)</i>
<i>A Fiandeira</i>	<i>Terceiro Quarteto</i>	<i>Num Berço Encantado (simples coletânea)</i>
<i>Danças Africanas</i>		<i>Dança Inferugnal e Quatuor (com coro feminino)</i>



A charge de Belmonte, Benedito Bastos Barreto, São Paulo SP 1897 - 1947. Caricaturista, desenhista, pintor, ilustrador, escritor, jornalista, historiador. Inicia sua carreira em 1912, publicando suas primeiras caricaturas na revista paulista Rio Branco e paralelamente colabora na revista carioca D. Quixote. A charge à direita é de uma publicação de D. Quixote por ocasião da Semana de Arte Moderna. De um modo irônico e jocoso, Belmonte anuncia a intenção do grupo de jovens artistas de ultrapassarem a visão “passadista” da Arte no contexto nacional. Luta que ainda hoje é perceptível em muitos rincões brasileiros.



De certo modo pode-se dizer que a Semana instaurou a multiplicidade na Arte nacional e foi um dos poucos momentos em que a ideia de liberdade expressiva em busca de uma identidade nacional surgiu. É possível, portanto, entender a ocorrência da Semana de Arte Moderna de 1922 como uma tentativa consciente de resgatar o irresgatável, ou seja, buscar por meio da Arte a liberdade estética, conceitual e expressiva para a construção desta identidade. Neste sentido os artistas engajam-se num projeto identitário e nacionalista que gerou movimentos como: Verde-Amarelo - 1924, Pau Brasil - 1924 e Antropofágico – 1928.

Para ficar apenas no contexto paulistano, da Semana de 22 também surgiram a *SPAM* – Sociedade Pró Arte Moderna, 1932; *CAM* – Clube de Arte Moderna, 1933. Os Salões de Maio, a *Família Artística Paulista* e o *Grupo do Santa Helena*. Toda esta ebulição cultural proporcionou o surgimento do *MASP* – Museu de Arte de São Paulo em 1947, do *MAM* – Museu de Arte Moderna em 1948 e em 1951 da BIENAL de São Paulo. Se, para alguns, a Semana foi apenas armação da elite paulistana, mesmo assim os resultados culturais foram muito além disso: definiram o espírito de uma época.